

Entrevista com a cineasta Lara Lee

Lara Lee é cineasta e ativista coreana-brasileira. Fundou o Cultures of Resistance Network, organização através da qual promove solidariedade global de causas humanitárias por meio de diversas linguagens artísticas. No dia 24 de outubro Lara exibiu 5 filmes que compõem a sua ampla filmografia na 47 Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, da qual já foi produtora e que é um importante espaço de discussão e difusão de obras audiovisuais, sendo referência para críticos, diretores, produtores, estudiosos e espectadores como um todo.

Após a sessão Lara Lee conversou com integrantes do Tarikh, grupo de estudos que faz parte do CEAr-USP (Centro de Estudos Árabes), no Al-Janiah, espaço cultural de resistência palestina, em São Paulo, sobre suas obras, produções e visões da conjuntura atual. A seguir seguem trechos do bate-papo:

T - Hoje foram exibidos cinco filmes: 3 situados em Gaza (*Israeli Attack on the Mavi Marmara - Lara Lee testifies to the United Nations* ; *Gaza Freedom March* e *Fishing Under Fire*), um em Guiné-Bissau (*Unidas por Bissau - Nô Kumpu Guiné: Agroecologia e feminismo na Guiné-Bissau*) e outro em Lesoto (*Do Lixo ao Tesouro: Transformando Negativos em Positivos*), todos lugares ainda pouco conhecidos por grande parte dos espectadores brasileiros. É interessante pensar como esses espaços invisibilizados fazem parte da sua filmografia, pensando na sua atuação tanto como diretora, como produtora.

IL: Na África as pessoas são muito resilientes e eu sinto que faço parte da missão de propagar histórias positivas, pois corremos o risco de ficar muito em cima de narrativas tristes. Em todos os locais onde se passam os filmes exibidos hoje, a resistência é a marca do dia a dia e eu acho que é um grande exemplo de otimismo, pois, mesmo com tantas dificuldades, a resiliência e a esperança são motores. Na Palestina é a mesma coisa, né? Todo esse sofrimento, onde a existência é sinônimo de resistência. Todos os meus filmes tem esse intuito: mostrar que a nossa arma é a resistência criativa.

T: No cinema existe a discussão sobre ficção e documentário e como essas linguagens no audiovisual se relacionam com a realidade e com a informação. Os cinco filmes que assistimos hoje trazem um lado muito humanitário e o nome da sua produtora, *Cultures of Resistance*, já indica com o que vamos nos deparar através das suas produções. Seus filmes nos situam num lugar otimista, mas não romantizado, e isso nos faz pensar nas possibilidades de construção de narrativas elaboradas pelas próprias pessoas que as vivenciam.

IL: É, porque geralmente há documentários sobre a África e outros continentes e países que sempre trazem o analista político da Europa; o analista político dos Estados Unidos, que fala pelas pessoas e desconstrói as suas culturas. E eu prefiro falar direto com as pessoas, sabe? Com as pessoas desses lugares, colocando as músicas desses lugares no filme. Geralmente eu tô lá só com a câmera, sendo porta voz da mensagem deles, do dia a dia deles, da luta deles e tentando criar vínculos de solidariedade global, porque no fim das contas todos precisamos de todos, então é por aí... não busco uma análise de *expert*, é o povo falando de si, por si e das suas batalhas.

T: Ao mesmo tempo em que seus filmes localizam o espectador num dado território, trazem também a noção de que as temáticas são mundiais, de que as pessoas precisam se implicar e entender que as suas existências impactam umas nas outras. Como é para você pensar no Cinema hoje, num contexto em que temos redes sociais e algoritmos nos mediando, onde há uma enorme quantidade de imagens oriundas de diversas fontes e lugares diferentes? Como esse movimento de estar dentro de uma importante Mostra de cinema nos coloca muito mais atentos a experienciar outras narrativas que a gente não acessa, mesmo com tantas janelas de informação?

IL: Tanta informação e tanta ignorância ao mesmo tempo, é uma coisa assim contraditória, mas eu sinto que também a informação é muito *mainstream*, né? E eu tô sempre tentando buscar as esquinas do mundo que ninguém nem pensa que existe. Pra mim é muito importante falar: existe um país que se chama Lesoto; existe país que se chama Burkina Faso; existe um país que se chama Guiné-Bissau, existe Gaza, existe Palestina, entende? Porque são todos locais às margens do mundo. O pessoal pensa na Europa, nos Estados Unidos, no Japão, na Coreia, nos países do Norte global. E eu estou com o Sul global. O nosso sofrimento também nos une. Então é um sofrimento global e que deve criar uma compaixão e uma solidariedade global também. A fonte do sofrimento da população da Somália é a mesmo da Palestina e a mesma do Brasil. As

desigualdades sociais, raciais, as disparidades... E às vezes as pessoas falam: "Iara, faz um filme sobre a gente", até que elas assistem outro filme meu e falam: "Ah, mas a nossa história aqui é parecida com a desse outro país, é igualzinha". Então as coisas se repetem e por isso a gente tem que se unir mesmo. Meu desejo é usar esses filmes para promover a solidariedade global. É exatamente esses vínculos que tento criar.

T: É um cinema realmente ativista, certo?

IL: Isso! Se você me perguntar, cara, você é mais ativista ou você é mais cineasta?
Eu sou ativista, eu sou mais ativista e uso o filme como veículo.

T: No caminho para o Al Jannah falamos um pouco sobre a experiência que você teve em 2010, indo para uma missão humanitária em Gaza (missão que integrou a GAZA FREEDOM FLOTILLA*)

IL: Sim, a missão foi minada no meio das águas internacionais, assim, na madrugada. A gente pensou que eles (Israel) chegariam quando a gente estivesse perto de Gaza, de manhã, mas os caras vieram em um navio gigantesco e mandaram helicópteros. A gente só tava querendo levar cadeiras de rodas, água e cimento para reconstruir as casas e os caras chegaram e disseram: "Não, Gaza está fechada e vamos botar todos vocês na prisão". Éramos todos ativistas e voluntários humanitários. Mataram nove pessoas no nosso barco, sabendo que não ia acontecer nada, que não sofreriam consequência nenhuma. Pra vocês verem, né? Isso foi em 2010 e agora, em 2023, seguimos vivenciando todo esse terror, o genocídio da população de Gaza. Em 2006, quando eu estava no Líbano, eles jogaram por 34 dias seguidos aquelas bombas de fragmentação, sabe? Derrubaram prédios e prédios e mais prédios com a justificativa de que estavam atrás do Hezbollah. Depois desse episódio, participei da Gaza Freedom March, que é a marcha da liberdade de Gaza, onde eles jogaram essas mesmas bombas químicas, que são de fósforo branco, e mataram 1400 pessoas. São bombas incandescentes, completamente ilegais. E agora seguem fazendo a mesma coisa de novo! É uma situação calamitosa! Filmes que fiz há 10, 13 anos seguem atuais.

T: Em um de seus filmes é impressionante quando você mostrou que Israel zomba das pessoas e que são capazes de matar sem constrangimento algum, pois sentem que não existe pressão mundial contra os ataques deles. Isso lembra muito as práticas dos soldados nazistas, que faziam a mesma coisa, sem nenhuma punição.

IL: É! Quando eu escrevo "o oprimido virou opressor", o Facebook pega e apaga a minha conta. Já apagaram quatro contas por conta de postagens onde eu falava do fósforo branco e fazia outras denúncias. Eles (Meta, que gerencia Facebook e Instagram*) têm uma equipe inteira contra você e falam: "essa menina é contra as regras comunitárias, ela é ofensiva". Então as contas desaparecem.

T: Muita censura?

IL: Muita censura! Tô esperando quando meu perfil no Instagram vai desaparecer também, porque eu tô todo dia falando sobre as coisas de Gaza, sabe? E aí a gente vai criando estratégias: quando você vê, agora a gente precisa colocar uma melancia, botar uns pontos e asteriscos entre as letras...a gente tem que inventar maneiras pros caras não bloquearem a gente só porque a gente tá falando da Palestina. Coisa incrível, né? Mas assim é o mundo, porque quando eu voltei lá da Gaza Flotilla, fui a única que trouxe o material em foto e vídeo, porque eles confiscaram tudo! Meu fotógrafo escondeu o cartão SD atrás do elástico da cueca. Quando eu comecei a mostrar o material para os caras dos jornais eles disseram que não tinham interesse pois aquela história já tinha passado no dia anterior na televisão. Aí eu falei: "mas você botou a história com a versão de Israel. Isso aqui é o que aconteceu no meio da missão com os integrantes da Flotilha" e eles seguiam dizendo "isso aqui já não interessa mais, estamos em outra já", ou seja eles não querem falar da verdade! Eu fico pensando que não é nem sobre ser ou não uma notícia atual, mas realmente sobre o controle, sobre esse poder de quais narrativas querem perpetuar, seguir contando. E se você for ver, a gente tem muito poder, né? Porque a gente tem o poder de abrir a boca! Então, eu acho sempre que a gente subestima o nosso poder, afinal pensamos "eu SÓ posso falar e mandar ajudas humanitárias". Mas imagina se todo mundo falasse, fizesse o boca a boca onde mora, no seu país, na sua cidade? É por isso que a Flotilla foi importante, porque não era só palestino. Tinha gente da Suécia, da Argélia, da Itália, da Grécia, da Turquia, era uma flotilha internacional. Quando todo mundo voltou para as suas casas, centenas de pessoas tiveram acesso a novas visões da situação em todos esses diferentes países. Cada um de nós, abrindo a boca, fizemos aquilo virar um escândalo internacional! Infelizmente, quando os palestinos são assassinados parece que o mundo não se importa. Mas se você vai lá e maltrata pessoas da Suécia, da Inglaterra, vira escândalo internacional. Então nós precisamos muito usar esse escândalo como solidariedade internacional para os palestinos, africanos e todos os povos esquecidos, porque faz um grande peso. Se for pensar, é uma guerra de mídia, né? Então temos que continuar com os nossos instrumentos, que é poder falar, nem que seja por redes sociais, cheias de censura.

T: É verdade, existe uma pressão midiática enorme que nos desestimula a seguir compartilhando informações verdadeiras, falando sobre as causas...

IL: Isso! Eu já fiquei muito frustrada, pensei "Ah, não vou mais usar essa porcaria". Aí companheiros falaram pra mim: "É isso o que eles querem, que você não use. Então faça o contrário! Faça quatro ou cinco contas, entendeu?" Então é verdade! Eles querem te apagar, eles querem deixar você frustrado, eles querem te censurar, te calar, mas não devemos nos submeter. Cada vez que eles tentam, mais a gente tem que botar a boca no trombone. E é por aí nossa arma.

T: Verdade! E como a arte entra nessa discussão para você?

IL: Com toda essa situação, há uma explosão de arte nas redes sociais. Gente, tem tanta arte poderosa, sabe? O que está acontecendo na Palestina vem gerando uma quantidade enorme de trabalhos artísticos, pessoas fazendo pinturas, bordados... Eu criei um prêmio de ativismo criativo chamado CAA (creative activism award). É um prêmio de mil dólares que eu dou para pessoas na Somália, na Palestina, no Sudão, no Iraque e para países em conflitos. E é por aí, porque a gente não vai tocar o coração das pessoas do mundo afora só mostrando sangue, mas com a arte sim! Eu lembro que a minha mãe, uma vez, me perguntou por que eu me metia com essas coisas de refugiados já que pra ela isso é coisa de responsabilidade do governo. Aí uma vez ela viu uma foto, que saiu em toda a imprensa, de uma criança que apareceu na praia, após um naufrágio de um barco de refugiados. Aí ela começou a se sensibilizar. Ou seja: mesmo ela vendo meu trabalho de mandar medicamentos, o impacto só chegou quando ela viu aquela foto. Foi quando ela sentiu no coração o problema dos refugiados.

T: No livro Quadros de Guerra, Judith Butler traz a questão das maneiras que você tem de acessar comoção. Às vezes é através de sensacionalismo, mas às vezes é linkando algumas pessoas, pensamentos e informações. Se fala muito do Hamas, mas os civis, mulheres e crianças, pessoas "comuns", parecem que são facilmente esquecidas, tem suas existências apagadas diante de uma precariedade de narrativas e de interesses. É interessante você trazer a arte como meio de acesso e sensibilização

IL: Existem diversas ações possíveis: eu vou conversar com pessoas, eu vou escutar pessoas e deixar que elas falem para a informação se propagar. Por exemplo, eu promovo a não violência, um ativismo criativo, mas os palestinos tentam conversar,

pedir ajuda e ninguém nem presta atenção, então chegam movimentos como o Hamas e aplicam seus métodos de violência, diante de um silenciamento mundial. Eu fico pensando que realmente é uma tática de frustração. Porque pensa, você hasteia bandeira branca e as pessoas não vêm, aí chegam bombardeando e todo mundo começa a perceber o que está acontecendo. Mas é muito difícil porque não dá pra ser "olho por olho, dente por dente", mas ao mesmo tempo sei que velinhas e bandeira branca também não vão resolver. Então a pergunta é: onde vamos parar? Quando os elefantes brigam é a grama que sofre. Os meus filmes são sobre a grama.

T: É um grande dilema, mas você que tem feito esse trabalho já há muito tempo e tem mostrado essas pessoas e trazido essa realidade para muitas pessoas que não entendiam da questão que já acontece desde 1948 com a Al Nakba e desde 1987 com o cerco de Gaza. Você sente que as pessoas estão se informando mais ou em breve esquecerão os acontecimentos?

IL: Eu acho que tem tanta manipulação, sabe? Porque obviamente o contexto que Israel quer dar é o de que eles foram atacados e que tem o direito de se defender. Então a gente tem que trabalhar muito para as pessoas entenderem o histórico de 75 anos de opressão. Não estou tentando justificar, mas estão expulsando e matando pais, mães, filhos, todo mundo há quase 1 século. O que se espera de uma criança que cresce nesse contexto? Mas eu fico naquele idealismo de continuar promovendo a não violência, que é um caminho muito mais longo, porque você vai lá com uma arma nuclear e já mata todo mundo de uma vez, mas com uma canção, uma poesia, uma foto, leva muito mais tempo para convencer as pessoas. Passinhos de formiga, sabe?

T: A arte e a cultura são armas muito importantes. As guerras hoje são culturais, incluídas, nessa perspectiva da cultura, questões econômicas e políticas. As questões culturais e o multiculturalismo estão muito presentes nos seus filmes.

IL: A arte é uma importante ferramenta cultural. Com a arte a gente pode mobilizar milhões de pessoas, né? Porque tira muita gente da apatia e pensam que mesmo não sendo com o país de origem delas, com a arte e a cultura, de repente, essas pessoas que vivem suas vidinhas muito blindadas saem da sua zona de conforto e passam a sentir, né? Tipo "Uau, o que está rolando nesse canto do mundo?" e começa a pensar que talvez deva fazer alguma coisa também. Somos 8 bilhões de pessoas nesse mundo. Imagina se a gente conseguir ganhar a guerra da mídia e fazer essas milhões de pessoas perceberem o verdadeiro contexto desse conflito, o verdadeiro contexto do estado de terrorismo que Israel promove com a ajuda de todos esses países ricos. Eu acho que o número tem impacto. Você consegue mobilizar uma quantidade de pessoas, engajar o pessoal utilizando a arte como câmbio. Temos que realmente usar muita arte, muita música, muita fotografia, muita poesia.

T: Você como multiartista e produtora trabalha com muitas linguagens artísticas. Como é que você vem conseguindo com seus filmes e com as várias outras linguagens com as quais você trabalha enfrentar as dificuldades de como circular, difundir e divulgar seu trabalho?

IL: Eu falo que o trabalho começa depois que você fez o filme, né? Porque todo mundo vai fazer filme, então fazer não é o mais difícil. O mais difícil é circular e engajar porque as pessoas às vezes ficam inspiradas, mas voltam pra casa e não fazem nada, continuam vivendo do mesmo jeito. E a ideia é inspirar para a ação. Não só para inspirar e não fazer nada. É difícil, mas às vezes eu fico pensando "Poxa vida, eu fui deportada de tantos países, fui banida de tantos países, botada na prisão, entrei na fantasia de que de repente é porque estão com medo que os meus "filminhos" de luta cheguem ao coração das pessoas. Então às vezes as coisas que acontecem de ruim você percebe até como "Uau, será que eu tenho esse poder que esses governos pensam?" Eu sei porque eu fiz, por exemplo, um filme sobre a ocupação do Marrocos no Saara ocidental, que é um conflito que ninguém conhece. E o consulado e o embaixador do Marrocos fazem questão de tentar cancelar todas as projeções. Eles fazem assim: "Se você passar esse filme a gente não vai mais apoiar o departamento do Oriente Médio dessa faculdade", entende? Eles faziam ameaças assim.

T: A dificuldade vai para além de questões comerciais, pois você não faz seus filmes para esses fins.

IL: É isso, é ativismo. Pequenos filmes como os meus perturbam governos. Tentam cancelar todas as projeções e ficam boicotando, fazendo ameaças de proporções tão gigantescas... mas dentro daquela filosofia de transformar o negativo em positivo. Assim o que eu faço com essa ira? Eu informo todo o meu mailing list sobre esse escândalo, aí no dia seguinte recebo as respostas e ok, tive uma exibição cancelada, mas agora recebi 20 confirmações. Vamos fazer 20 projeções em países diferentes. Então esse é o meu jogo: você vai fechar meu Facebook, então eu vou abrir cinco contas.

T: Sabendo que você foi produtora da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo entre 1984 e 1989, como é passar seus filmes depois de tantos anos e nesse momento histórico estar exibindo justamente esses 5 curtas metragens?

IL: Eu passei por 178 países, estou viajando desde os 19 anos, trabalhando nesses países inseridos em contextos sociais e políticos bem difíceis. Eu fiquei pensando que de repente são as lições da vida, a oportunidade de voltar pra onde eu comecei, que é o Brasil, então eu quero passar um tempo aqui. Minha ideia é começar a fazer mais coisas no Brasil e me reconectar. Aplicar tudo que aprendi mundo afora. O povo brasileiro é muito carinhoso. Eu e minha irmã costumamos falar que a coisa mais legal que os nossos pais fizeram foram imigrar da Coreia para o Brasil, então espero que eu consiga fazer algumas coisas aqui pelo país também porque eu tenho uma pequena fundação com causas humanitárias e ecológicas. E como eu falei, a questão vai muito além do Oriente Médio e da África, está tudo conectado.